

JÁ FUI UM CAMPEIRO
(João Henrique Cunha/Negrinho Cunha)

Escuta este chasque, vivente:
Eu já fui um campeiro
Retrato deste pago altaneiro
Recanto que sempre quis
Meus olhos carregam a matiz
Hoje já é muito diferente
Onde a maioria de nossa gente
Desfaz destes viventes de bem
Esquecem que todo gaúcho tem
No campo sua vertente

Caminhava em campo aberto
A chuva refrescava o lombo
Corria, pulava, caia uns tombo
Sentia a natureza viva
O piar faceiro das tirivas
O urro agoniante dos bugios
Ate que gostava de sentir frio
Cansaço, sede e calor
Tristeza, ódio e amor
Por coisas que ninguém viu

Já levantei no clarear
Pra me aquecer no borralho
E de talho em talho
Mastigava algum miúdo
A peonada, mesmo sem estudo
Mas com saber grandioso
Ensinavam os mais novo
O que não se aprende mais
Ali, todos eram iguais
Muito respeito, sem retovo

Já pisoteei geada
No inverno rigoroso
Como todo guri teimoso
Metido a facão sem cabo
Me largava desatinado
Nem calçava as botina
Negaciava a leiteira brazina
Que estercava pra todo lado
E eu c'os pés encarangado
Largava esterco quente por cima

Coisas de guri arteiro
Co'a inocência do interior
Mas lá, tudo tinha sabor...
Até goiaba abichada
Ah, os pinhão em sapeca

Com a o apoio da brazina
O doce olhar das menina
Recebido sem maldade
Coisas que hoje na cidade
Se perderam nas esquinas

As tropas de osso e sabugo
Sempre fui grande fazendeiro
Minhas posses iam do terreiro
Até debaixo do arvoredos.
Nada me botava medo
Fora umas caranguejeiras
Que ultrapassavam as porteiras
Talvez pra devorar meu “gado”
Fazer o que? -eu assustado
la-me ao galho da macieira

Peleia? -isso sempre tinha
Principalmente c'os irmãos
Guri não aceita intromissão
De alguém do mesmo ninho
O grande ou o pequenininho
O redomão ou o potro
É o ditado em verdade envolto:
-”enquanto mulher parir e égua der cria
Não há de chegar o dia
Que um seja mais macho que outro”

Mas, com pais e avós
Um profundo respeito
Não se respondia de qualquer jeito
D'outra forma o pau comida.
Reconheço hoje em dia
Que era pro meu bem
Pra não crescer como alguém
Que não tem valores
Destes que andam nos corredores
E que não valem um vintém.

Sabia das lidas campeiras
Encilhava com jeito
Bacheiro, arrio, chincha no peito
Pra não escorrer pras “viria”
Pelego arrumado com maestria
Badana, sobre-chincha apertada
Bucal, freio de rédea fechada
E um doce braças nos tentos
Pesado pra cortar o vento
E não enrolar a armada

E laçava! -lá no meio do campo
Não como hoje, nos rodeio
Onde é só correr pelo meio
Reboleando lacinho chumbado
E esperar o gado treinado
Meta a guampa na armada.
Lá a lida era mais pesada
Não podia perder a vez
Laçar, depois derrubar a res
Terminar o serviço na invernada.

Eu também peleava
Vem simples, assim na corrida
A pequena armada estendida
Por entre as quatro patas
E puxando como quem desata
Era o bicho no chão, esperneando
Logo tinha um “acarcando”
Outro na faca, já castrava...
Depois a marca em brasa
Deste jeito se ia peleando.

Nos dias de chuva
O trabalho era no galpão
Debulhar milho, varrer o chão
Tirava uns tentos pro trancado...
Um pouco do aprendizado
Que ainda trago na memória
Isto pra mim, é uma glória
É tudo de muito valor
Se hoje sou um batalhador
Devo tudo a minha história

Por isso, vivente, repito:
Já fui campeiro nesta vida.
Não quero que tenha esquecido da lida
Ou que não goste mais
Queria estar lá com meus pais
Sobrevivendo da terra
Travando diariamente a guerra
Contra o abandono governamental
Eles estão mantendo o ideal
Que seu peito gaúcho encerra.

É que a mim, nesta vida
O sustento apareceu na cidade
É onde eu tento viver a verdade
Com honra e valentia
Não é onde eu queria
Mas tenho desejo verdadeiro:
Me dedicar de tempo inteiro
Pra não terminar a vivencia

Sem retornar a querência
E ser de novo, um campeiro.